

Maria Aldina Marques
Xosé Manuel Sánchez Rei (eds.)

studios atuais
de linguística
galego-portuguesa

EDICIÓNS

laiovento
LAIIOVENTO

ENSAIO

Greenpeace acredita que este libro cumpre os requisitos ambientais e sociais necesarios para ser considerado un libro “amigo dos bosques”. O proxecto “Libros amigos dos bosques” promove a conservación e o uso sustentábel da foresta, en especial dos bosques primarios, os últimos bosques virxes do planeta.

Papel certificado polo Forest Stewardship Council ®



En canto non se conseguir un consenso normativo para a lingua galega, Edicións Laiovento respetará a opción ortográfica de cada autor.

© Maria Aldina Marques e Xosé Manuel Sánchez Rei (eds.)

© 2019, Edicións Laiovento, S.L.

Vía Pasteur, 26. Polígono do Tambre / 15890 Santiago de Compostela / Galiza / U.E.

Correo electrónico: laiomento@laiomento.com

Local na Rede: [//www.laiomento.com](http://www.laiomento.com)

I.S.B.N.: 978-84-8487-438-6

Depósito Legal: C 301-2019

Deseño editorial: Pepe Carreiro

Imprime Tórculo Comunicación Gráfica

Vía Edison 33-35. Polígono do Tambre

15890 Santiago de Compostela

Impreso en papel ecolóxico

Este libro non poderá ser reproducido, nin total nin parcialmente, calquera que for o medio empregado, sen o permiso previo do editor. Reservados todos os dereitos.

SIGNIFICADO E CORES DE NOVE PROVÉRBIOS PORTUGUESES SEM COR

José Teixeira
Universidade do Minho
CEHUM
CLUN

1. CONTEXTUALIZAÇÃO DESTE TRABALHO

Em trabalho prévio a este que a seguir se apresenta (Teixeira 2018), demonstramos que o processamento cognitivo das cores não é aleatório na interpretação linguística, mesmo quando o enunciado não aponta para nem contém palavras/expressões que diretamente se possam ligar a valores cromáticos. Utilizamos, para tal, um conjunto de 843 inquéritos (em Portugal 573, no Brasil 270¹). Era pedido a cada inquirido que indicasse a cor que prioritariamente lhe era sugerida por cada um de uma lista de 9 provérbios (Figura 1).

Inquérito Nº _____	Idade: [] 16-25; [] 26-40; [] 41-60; [] 61 ou +
Se para cada provérbio tivesse que escolher uma cor, qual a cor mais adequada para cada um dos seguintes? (Pode repetir as cores; não é preciso serem sempre cores diferentes):	
1. <i>Quem com ferro mata com ferro morre.</i> Cor adequada: _____	
2. <i>Mais vale tarde do que nunca.</i> Cor adequada: _____	
3. <i>Quem tudo quer tudo perde.</i> Cor adequada: _____	
4. <i>Amor com amor se paga.</i> Cor adequada: _____	
5. <i>O fruto proibido é o mais apetecido.</i> Cor adequada: _____	
6. <i>Só a morte é que não tem remédio.</i> Cor adequada: _____	
7. <i>Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.</i> Cor adequada: _____	
8. <i>Filho de peixe sabe nadar.</i> Cor adequada: _____	
9. <i>Água mole em pedra dura tanto bate até que fura.</i> Cor adequada: _____	

Figura 1: Inquérito de 9 provérbios portugueses

1 Nos provérbios 1, 2, 5, 6, 7 e 8 há pequenas variações entre a versão do PE (Português Europeu) e a do PB (Português Brasileiro): 1PE. *Quem com ferro mata com ferro morre.* PB *Quem com ferro fere, com ferro será ferido.* 2PE. *Mais vale tarde do que nunca.* PB *Antes tarde do que nunca.* 5PE. *O fruto proibido é o mais apetecido.* PB *O fruto proibido é mais gostoso.* 6PE. *Só a morte é que não tem remédio.* PB *Há remédio para tudo, menos para a morte.* 7PE. *Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar.* PB *Mais vale um pássaro na mão do que dois voando.* 8PE. *Filho de peixe sabe nadar.* PB *Filho de peixe peixinho é.*

A intenção era a de tentar perceber até que ponto, nos cérebros normais, designados por não sinestetas² na literatura da Psicologia, se recorre com sistematicidade a ligações sinestésicas de cores ao significado linguístico. Os 9 provérbios escolhidos, muito conhecidos e usados, não incluíam palavras diretamente referentes a cores (Figura 1).

Para testar a não aleatoriedade dos resultados, os inquéritos do PE foram, numa primeira fase, divididos dois grupos: um com os primeiros 300 recebidos (Grupo 1) e outro com os restantes 273 (Grupo 2)³. Os resultados, surpreendentemente, comprovaram “coincidências” muitíssimo significativas, não apenas em um ou outro provérbio, mas em todos. E não apenas entre os dois grupos do PE (Português Europeu) mas igualmente entre estes e o do PB (Português Brasileiro). As cores mais seleccionadas, em cada grupo de inquiridos, para cada provérbio, são globalmente dominantes, nos outros grupos, para o mesmo provérbio; com as cores menos indicadas, acontece o mesmo.

Os resultados comprovam a individualidade e identidade da paleta de cores de cada provérbio, o que implica aceitar que as cores acionadas não o são aleatoriamente, mas antes resultantes de associações semânticas e cognitivas que os falantes processam.

2. CLUSTERS LINGUÍSTICO-COGNITIVOS E CORES

Depois de constatada a não aleatoriedade do acionamento das cores aos provérbios do inquérito, será necessário tentar compreender o porquê desse acionamento dentro de cada um deles.

2 Para melhor ver o contexto e condições do inquérito e a diferença entre a percepção do conceito de sinestesia nos âmbitos da psicologia e da retórica tradicional e para evitar de nos repetirmos, ver o trabalho atrás referido, Teixeira (2018) “As cores no processamento do significado: provérbios e sinestesia”.

3 Os inquéritos do PE foram tratados como um grupo único. Esta divisão do conjunto dos 573 inquéritos feitos ao PE em dois subgrupos (pela ordem de chegada dos inquéritos) serviu apenas para testar, inicialmente, se os resultados coincidiam razoavelmente e se permitiam deduzir que não eram aleatórios a ponto de impedirem conclusões fundamentadas.

Damásio (2010: 36) refere-se à construção concetual como uma série de mapeamentos do mundo, não apenas envolvendo uma percepção, mas um conjunto complexo:

o cérebro mapeia o mundo em seu redor, bem como o seu próprio funcionamento. Esses mapas são experienciados como imagens na nossa mente, e o termo imagem refere-se não só às imagens de tipo visual mas também a imagens com origem em qualquer sentido, sejam elas auditivas, viscerais, ou tácteis, por exemplo.

Cada mapeamento envolve múltiplos aspetos que irão constituir “as imagens nas nossas mentes”, como diz Damásio (2010: 97):

Os padrões mapeados constituem aquilo que nós, criaturas conscientes, apreendemos como sons, texturas, cheiros, sabores, dores e prazeres — ou seja, imagens. As imagens nas nossas mentes são os mapas instantâneos do cérebro para tudo e mais alguma coisa, dentro do corpo e à sua volta, tanto concreto como abstracto, do presente ou daquilo que foi anteriormente gravado na memória. As palavras de que me sirvo para transmitir estes conceitos foram originalmente formadas, ainda que de forma breve e resumida, como imagens auditivas, visuais ou somatossensoriais de fonemas e morfemas, antes de as passar para a página sob a sua forma escrita. De igual modo, essas palavras agora impressas à frente dos olhos do leitor são primeiramente processadas por si como imagens verbais (imagens visuais da linguagem escrita), antes de a acção delas no cérebro promover a evocação de ainda mais imagens, de um tipo não-verbal. As imagens de tipo não-verbal são as que nos ajudam a expor mentalmente os conceitos que correspondem a palavras.

Este sublinhado de Damásio sobre o carácter composto e complexo das “imagens” é uma constante nos seus escritos. As imagens são padrões mentais onde podem entrar todas e qualquer uma das modalidades sensoriais:

by image I mean a mental pattern in any of the sensory modalities, e.g., a sound image, a tactile image, the image of a state of well-being. Such images convey aspects of the physical characteristics of the object and they may also convey the reaction of like or dislike one may have for an object, the plans one may formulate for it, or the web of relationships of that object among other objects. (Damásio 1999: 9)

By the term images I mean mental patterns with a structure built with the tokens of each of the sensory modalities—visual, auditory, olfactory, gustatory, and somatosensory. The somatosensory modality (the word comes from the Greek soma which means “body”) includes varied forms of sense: touch, muscular, temperature, pain, visceral, and vestibular. The word image does not refer to “visual” image alone, and there is nothing static about images either. The word also refers to sound images such as those caused by music or the wind, and to the somatosensory images that Einstein used in his mental problem solving—in his insightful account, he called those patterns “muscular” images (Damásio 1999: 318).

Não interessará aqui e agora discutir se este conceito de “imagem” de Damásio correspondente ao padrão estruturado que reúne todas as percepções e conexões relativas sobre uma realidade concetual é ou não uma representação interiorizada (como parece apontar o próprio termo de Damásio de “imagem mental”) ou um estado do corpo (ou a percepção ou consciencialização de um estado do corpo), como refere Johnson (2012: 64): “A mental image, as Damasio is using that term, is not an inner representation or model of some nonmental reality, such as a state of the body. Rather, the image is just our awareness of certain aspects of our current body state”.

Embora sem certezas sobre como se realiza o processo, parece-nos inquestionável que as imagens mentais que construímos sobre a realidade que depois verbalizamos em conceitos e significados linguísticos correlacionam todos

os conteúdos perceptivos sobre essa realidade. Esse correlacionamento não é meramente somatório e indiferenciado, mas obedece ao princípio “first things first”: a imagem mental de “alto” acionará conceitos espaciais (“árvore alta”) antes⁴ de conceitos temporais (passado=alto, futuro= baixo ou vice-versa) ou de sonoridade (som alto=som agudo). Já se “alto” acionar cognitivamente a percepção de uma cor, tem-se entendido isso como uma associação não direta ou mesmo não expectável. Quando isso acontece, falamos, *grosso modo*, em associação sinestésica.⁵

Portanto, as palavras (mesmo não inseridas numa construção frásica concreta), como estão profundamente ligados aos conceitos e às imagens mentais que sobre a realidade construímos, vão implicar mapeamentos e relacionamentos cognitivos que envolvem as percepções que o cérebro correlaciona. As sinestesias farão parte dos relacionamentos não primários e que aparentemente (numa visão tradicional de que a mente é prioritariamente “lógica”) não deveriam ser percebidos como tendo papel de relevo num mapeamento. Se um som é percebido como *intenso-não intenso* e *grave-agudo* e uma cor como *clara-escura*, uma “cor aguda” ou um “som escuro” são vistos como percepções sinestésicas. É que nos respectivos mapeamentos pode acontecer (e parece que acontece na maioria dos falantes –Ward 2006) a associação cognitiva *agudo-alto-luminoso-claro*, por um lado, e *grave-baixo-sem luz-escuro* por outro.

À luz disto, parece inquestionável que o significado de uma unidade linguística implica uma rede semântico-cognitiva complexa, uma espécie de *cluster* que envolve

4 Não no sentido temporal mas de organização cognitiva, que pode não ter o critério temporal como único ou prioritário.

5 Parece que a maior parte dos falantes faz a identificação entre cores claras e sons “altos” e cores escuras e sons “baixos” (Ward 2006). Não será difícil perceber o porquê de isto acontecer se nos lembrarmos que pela nossa experiência associamos a luz/luminosidade ao alto e a escuridão ao baixo.

(simplificando) a rede perceptivo-cognitiva de cada item (a *imagem* para Damásio) e a rede semântica.

Aceitando o termo *cluster* linguístico-cognitivo para este complexo associativo presente no funcionamento semântico das línguas, o das cores é, com certeza, de primordial importância no processamento semântico das palavras e dos enunciados. Aliás, não é novidade para ninguém referir que a área da visão é a que fornece mais dados perceptivos ao cérebro e é a dotada de maior poder perceptivo. Não é por acaso que em muitas línguas as palavras relacionadas com “ver” passaram a significar também “compreender” e “saber”.

3. CORES: METONÍMIAS, METÁFORAS, SINESTESIAS

3.1. As onze cores focais

Segundo Berlin & Kay (1969: 2-3) a lexicalização das cores de uma língua (ver Figura 2) obedece aos seguintes princípios:



Figura 2: representação dos termos básicos de cor (adaptado de Berlin & Kay, 1969: 4)

- 1) Todas as línguas possuem palavras para preto e branco;
- 2) Se uma língua tiver apenas três palavras para as cores, terá um termo para o vermelho;
- 3) Se possuir quatro termos, terá palavras para o amarelo ou para o verde (mas não para os dois);
- 4) Se tiver cinco termos para as cores, terá também para o verde e para o amarelo;
- 5) Com seis termos, possuirá um para o azul;
- 6) Se tiver sete nomes de cores, terá um termo para o castanho;

7) Se possuir oito ou mais termos de cor, terá palavras para o roxo, o rosa, o laranja, o cinza e possíveis combinações.

A obra de Berlin & Kay teve bastante influência nos estudos sobre o vocabulário das cores, embora em vários pontos tenha sido revista pelos próprios autores e por outros estudos (Saunders 2000).

Em Português (tanto Europeu como Brasileiro) a escala de Berlin & Kay parece corresponder realmente aos principais focos na percepção das cores (cores focais). Com efeito, os inquéritos são inequívocos quanto a isso: há 11 cores fundamentais que são precisamente as 11 indicadas na escala de Berlin & Kay (Figura 3)⁶.

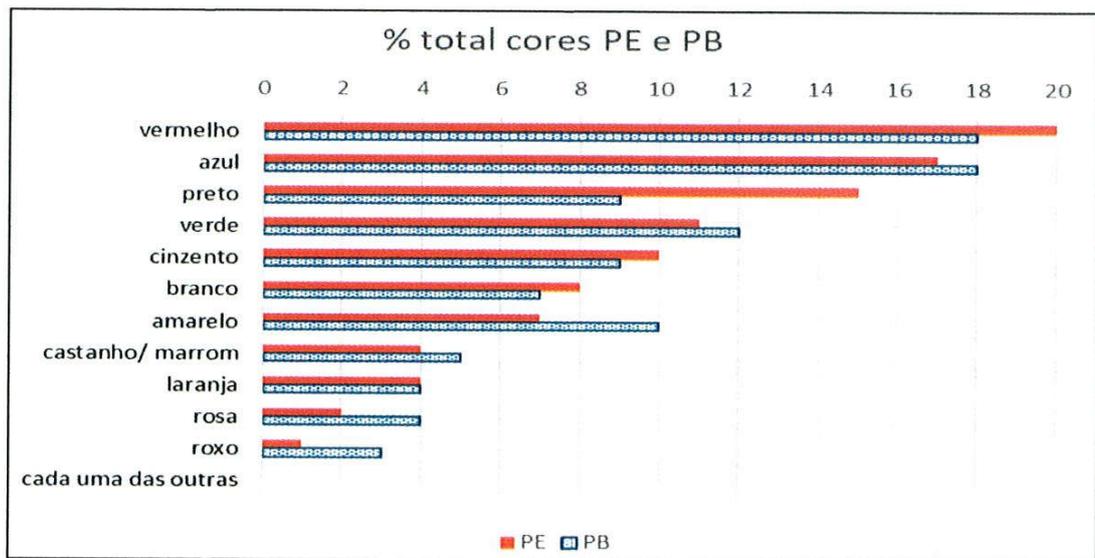


Figura 3: Português Europeu (PE)-e Português Brasileiro (PB): Total das cores

⁶ Nestas 11 cores, que pela frequência com que são referidas se destacam nitidamente de todas as outras, parece estar a acontecer uma variação no PE no nome da última, o roxo (indicado 75 vezes), o qual aparece frequentemente referido como *lilás* (15 vezes no PE). Assim, considerando que focal e perceptivamente são a mesma cor, somando as variantes, temos que a última destas 11 cores (roxo+lilás) tem 90 referências (o que dá 2% do total) enquanto a seguinte (a primeira das outras últimas) tem apenas 10 (o que equivale a 0,2%, um décimo). No PB idênticos resultados: roxo (62)+lilás (12)=74 e a seguinte apenas 7 citações, igualmente apenas um décimo.

3.2. As redes de cores dos 9 provérbios

A existência desta ou doutra escala sobre a estruturação das cores nas línguas mostra que a respetiva verbalização não é aleatória, mas se organiza sobre valores cognitivos e naturais. No entanto, elas acabam também por adquirir valores sócio-culturais, já que são vivenciadas sempre num grupo portador de associações que outros grupos podem não fazer.

Que redes explicarão as cores que os falantes indicaram como prioritariamente evocadas?

Analisando os 9 provérbios que constituíram o corpus inquirido, verificamos que um mesmo conjunto de valores para cada cor, relativamente pequeno e constante, é suficiente para explicar o porquê do acionamento das cores de todos e de cada um dos provérbios.

Obviamente que não é possível visualizar, descrever e provar como é que, na mente dos falantes, determinada palavra ou frase aciona uma cor e como o faz, principalmente quando a palavra ou enunciado não tem valores cromáticos como referentes imediatos. Mas é possível verificar que as cores possuem valores cognitivos (naturais) e culturais (menos naturais) e que esses valores parecem ser sistematicamente acionados pelos provérbios que testamos.

Assim, depois de analisadas as respostas, pudemos construir para cada cor acionada por estes provérbios (e apenas para estes usos e não para todos os usos linguísticos de cada cor) uma rede cognitiva básica que explicasse os principais valores das cores que os inquiridos refletem (Figuras 3 a 13, apresentadas segundo a ordem da escala de Berlin & Kay).

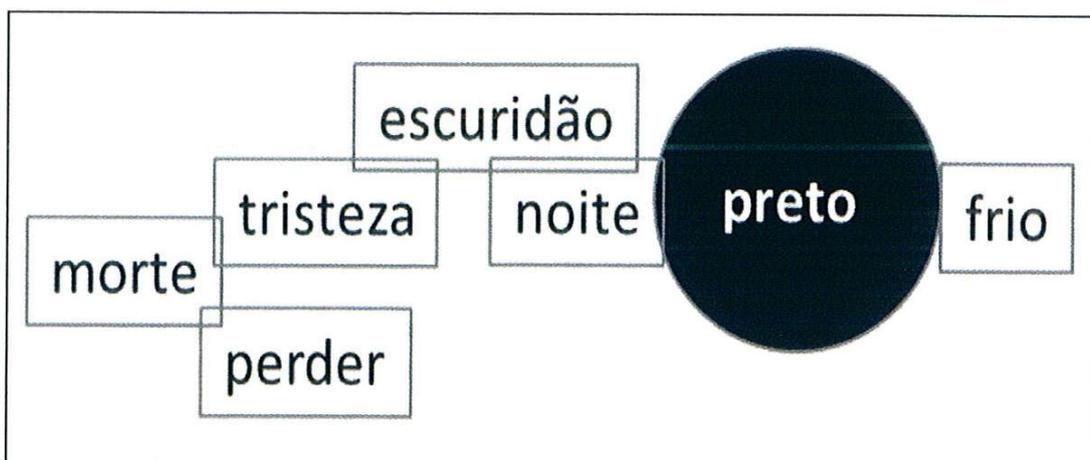


Figura 3: rede cognitiva básica de preto

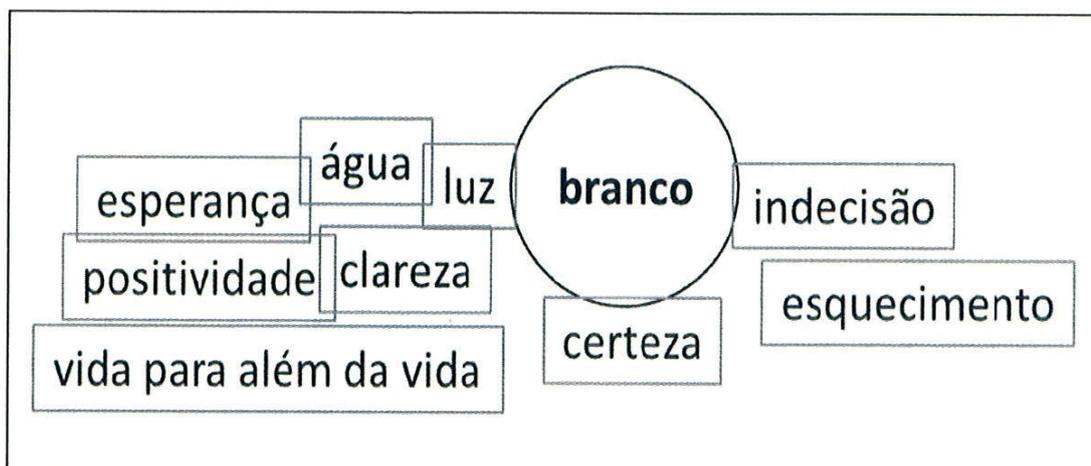


Figura 4: rede cognitiva básica de branco

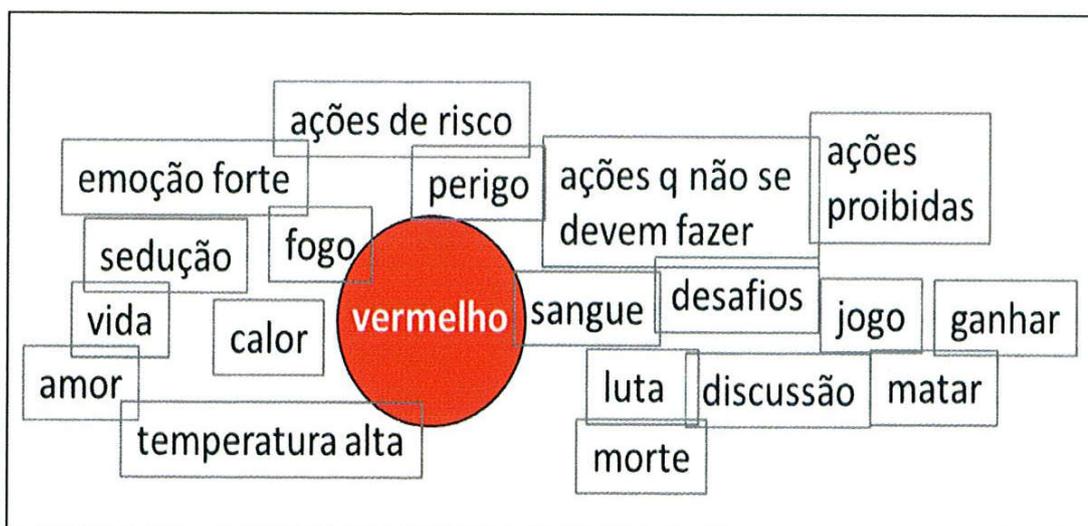


Figura 5: rede cognitiva básica de vermelho

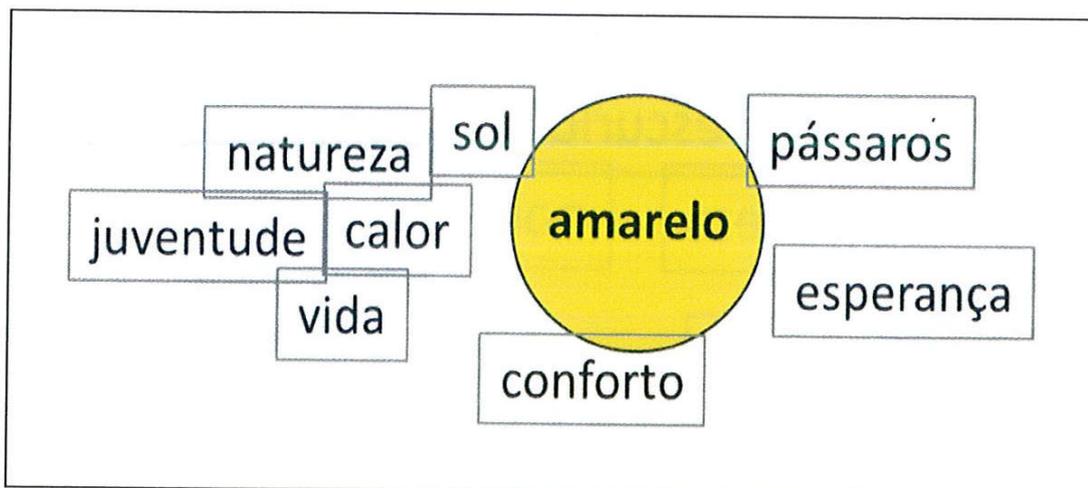


Figura 6: rede cognitiva básica de amarelo

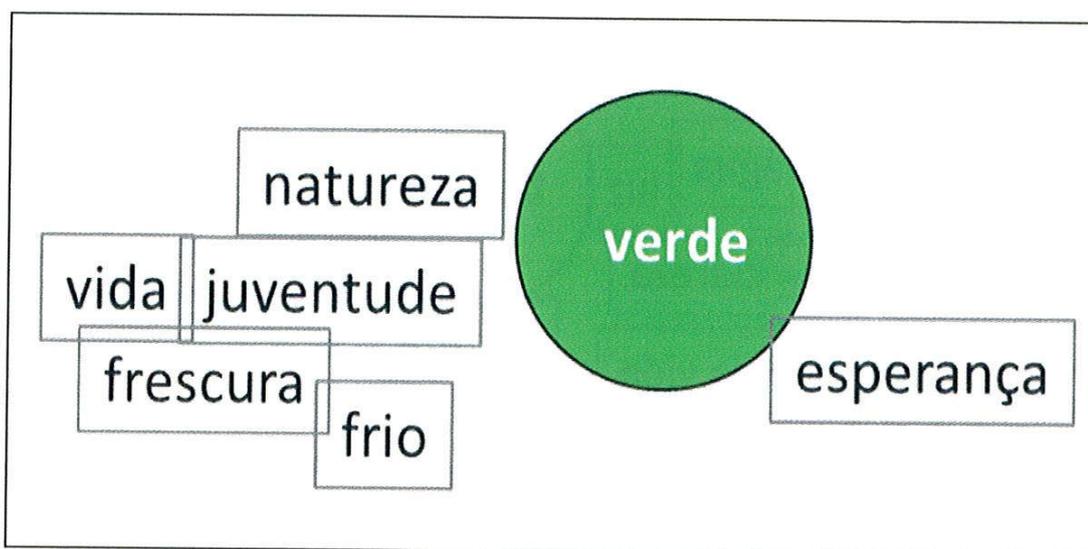


Figura 7: rede cognitiva básica de verde

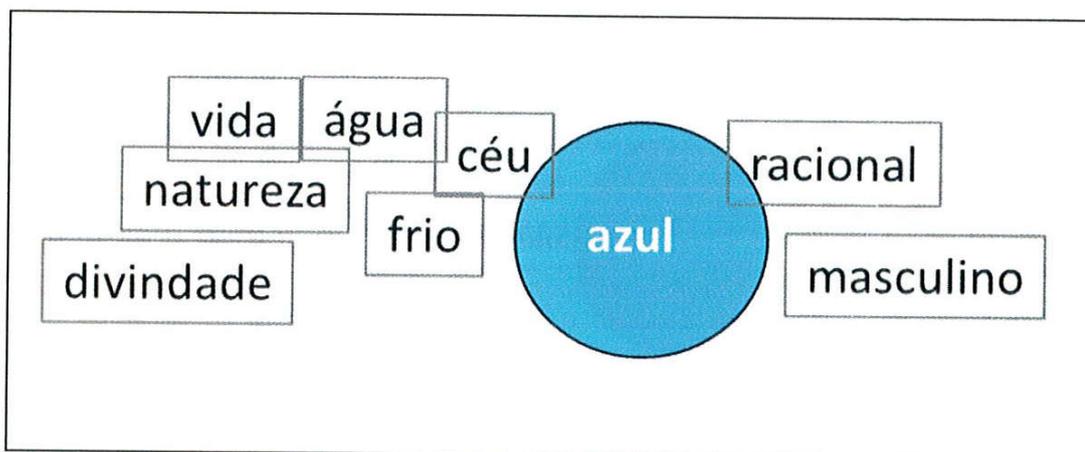


Figura 8: rede cognitiva básica de azul

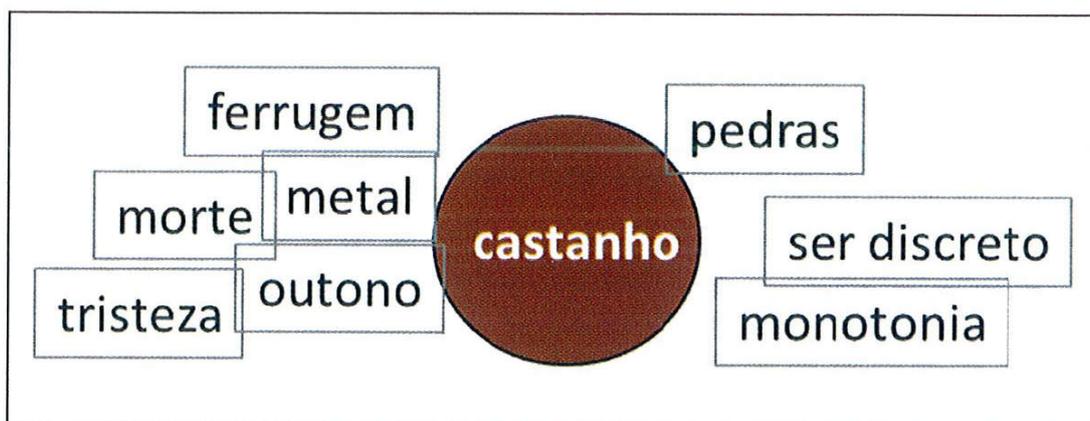


Figura 9: rede cognitiva básica de castanho (Br.marrom)

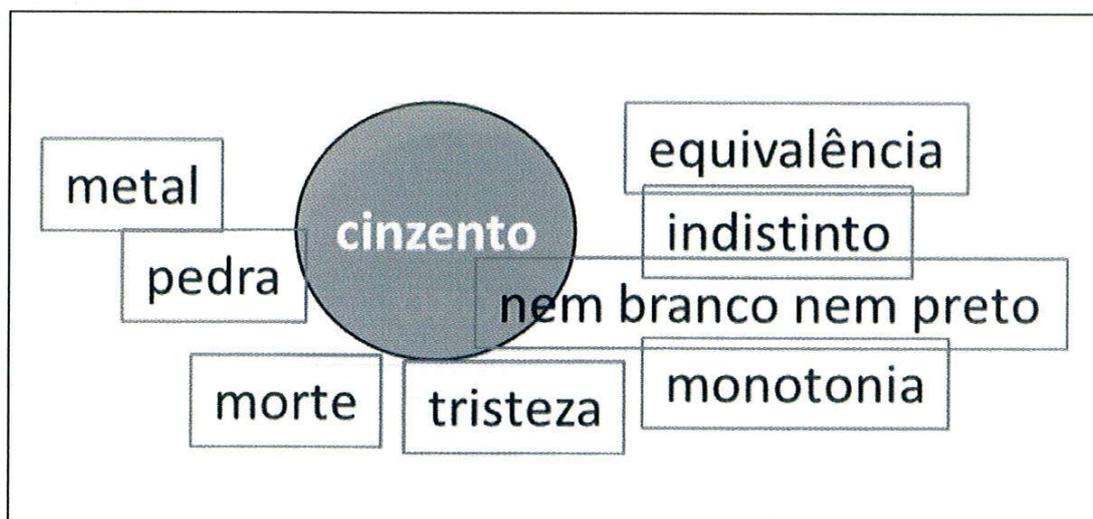


Figura 10: rede cognitiva básica de cinzento

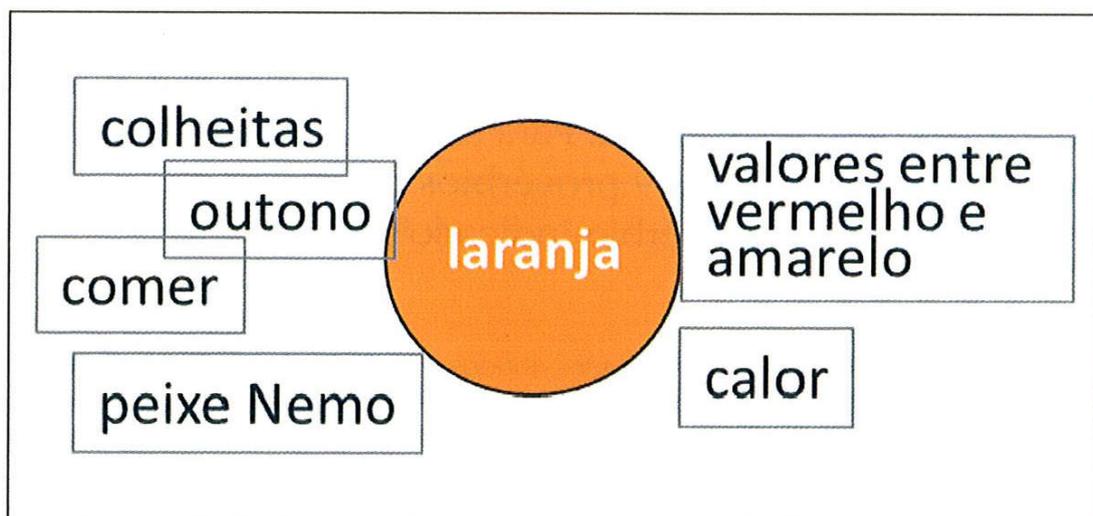


Figura 11: rede cognitiva básica de laranja

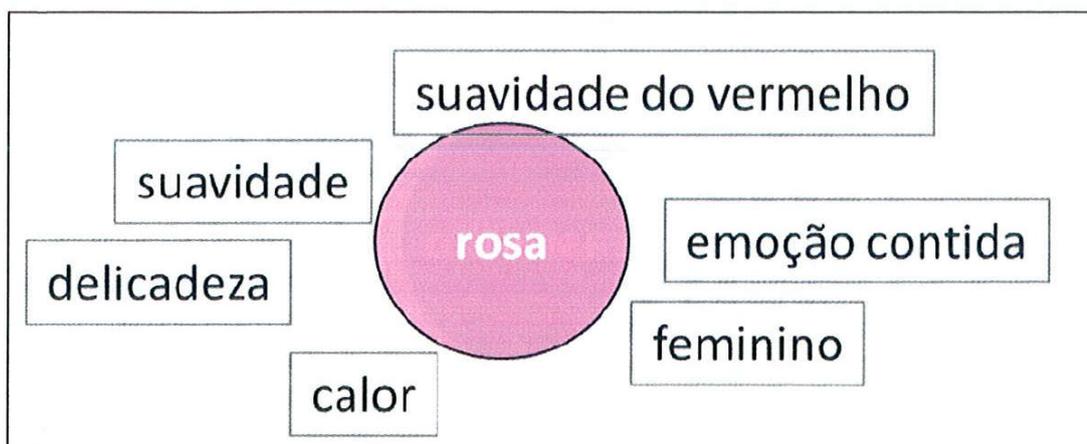


Figura 12: rede cognitiva básica de cor de rosa

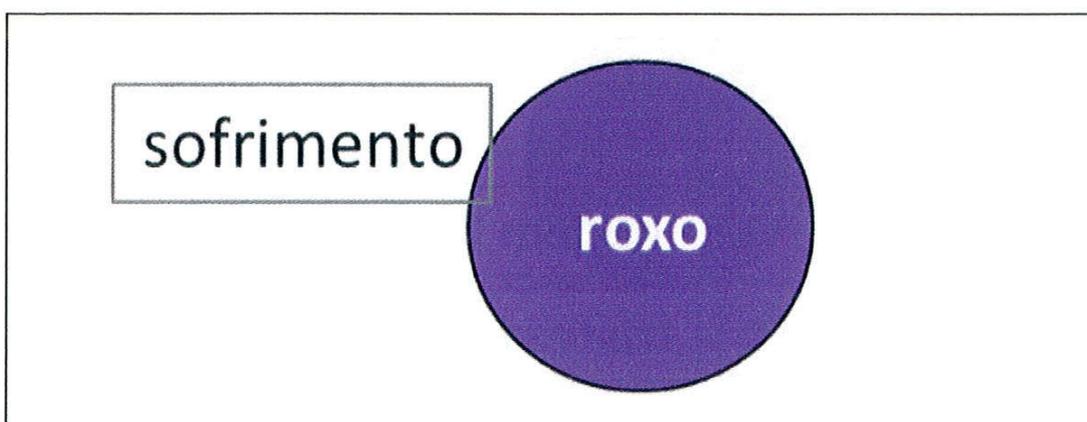


Figura 13: rede cognitiva básica de roxo

Apresentaremos de seguida os resultados para o Português Europeu (PE)⁷ e as respetivas redes semântico-cognitivas que os explicam. Para tal, indicamos a rede total de cada cor (para estes 9 provérbios), destacando os valores acionados no provérbio indicado⁸.

7 Como já atrás referimos, os resultados obtidos para cada provérbio confirmam a respetiva não aleatoriedade na medida em que se verificou grande coincidência entre a paleta de cores dos dois grupos do PE e entre o total destes (apresentado nestes gráficos) e o grupo do PB.

8 Por exemplo, no provérbio 1 “Quem com ferro mata, com ferro morre”, estão indicados como acionados para o vermelho os valores [sangue], [emoção forte], mas não o de [sedução] ou [amor].

3.2.1. Quem com ferro mata com ferro morre

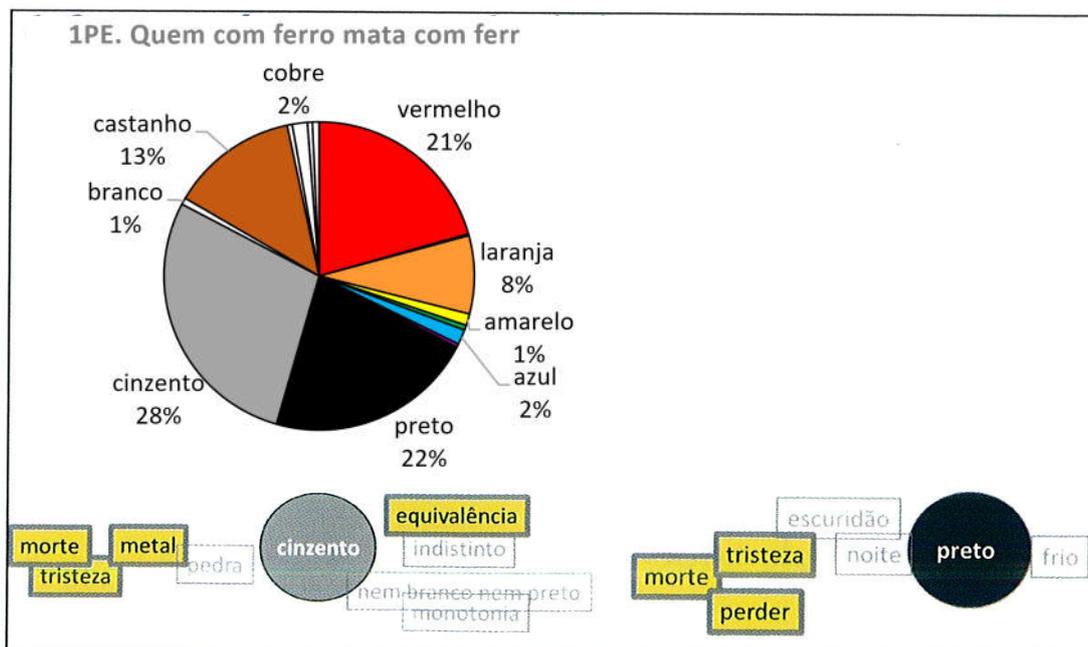


Figura 14: Provérbio 1, Quem com ferro mata com ferro morre (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Como se pode ver, as cores mais evocadas são o cinza (28%), o preto (22%), o vermelho (21%) e, em escala menor, o castanho (13%).

Referindo na sua centralidade o matar, poderia parecer que o vermelho deveria ter tido um resultado mais destacado. No entanto, convém reparar que o provérbio aciona vários núcleos como centrais e não apenas os de [matar] e [perigo], os principais acionadores desta cor. O *cluster* de morte, que é igualmente central, justifica, com certeza, o preto, enquanto o cinza e o castanho se ligam às imagens de ferro/metal.

O peso do cinzento (a cor mais referida) talvez possa causar estranheza a uma primeira leitura. A primeira hipótese é a de que, como mesmo agora propusemos, ele ressalta da associação a ferro e a metal. Pensamos, no entanto, que o seu acionamento é em grande parte sinestésico, talvez pelos valores [indistinção], [equivalência]. É que a rede que é acionada por esta cor evoca os valores de [nem branco

nem preto], [indistinção], [monotonia], [equivalência]. Ora o significado central do provérbio é o de uma equivalência e indistinção: “matar com violência equivale a morrer com violência”.

É interessante verificar que no PB (em comparação com o PE) o valor do preto é menor e o do vermelho maior. Note-se, no entanto, que no PE se fala de morte e matar (mais evocativo do preto) enquanto no PB se fala em ferir e ser ferido (mais evocativo de [sangue], e portanto do vermelho).

3.2.2. Mais vale tarde do que nunca

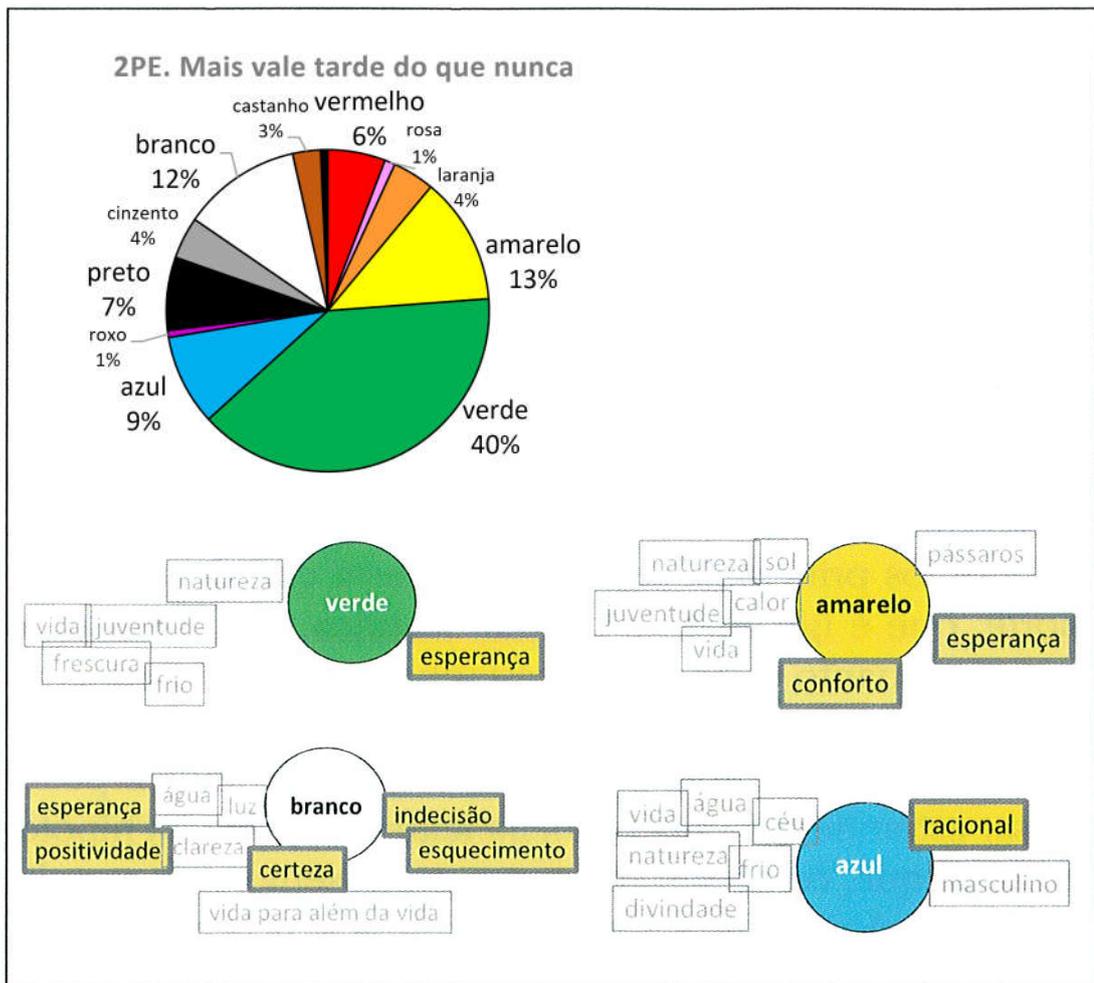


Figura 15: Provérbio 2, Mais vale tarde do que nunca. (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Uma visão global nota que o conjunto dos valores evocáveis contém elementos que podem ser vistos como contraditórios, como [certeza] e [esperança] versus [indecisão] e [esquecimento]. O aparecimento destes valores em oposição justifica-se porque o provérbio (como a maior parte das asserções do género) aciona uma significação complexa: [indecisão] e [esquecimento] porque o referir que algo é feito tarde implica que houve protelamento e adiamento de um processo. Mas o mesmo provérbio também implica a certeza e a positividade, já que destaca a parte positiva de um comportamento negativo de adiamento e indecisão. Essa parte positiva, o acabar por se fazer o que já antes deveria ter sido feito, é a essência e centralidade do próprio provérbio e daí o valor essencialmente positivo de [esperança] que as cores mais presentes (verde, amarelo e branco) acabam por evocar.

Note-se a muito significativa presença do azul, nitidamente sinestésico do valor [racional] já que não se vislumbra qualquer relação referencial, metafórica ou metonímica com as palavras do provérbio. É que a racionalidade versus emotividade é também valor central da respetiva significação. Ele lembra que embora se possa estar desesperado esperando algo que parece nunca vir, há que ter sempre a esperança (o valor mais evocado) que esse algo desejado acabará por chegar e depois de chegar constatar a evidência racional de que foi melhor chegar, embora tarde, do que nunca ter chegado.

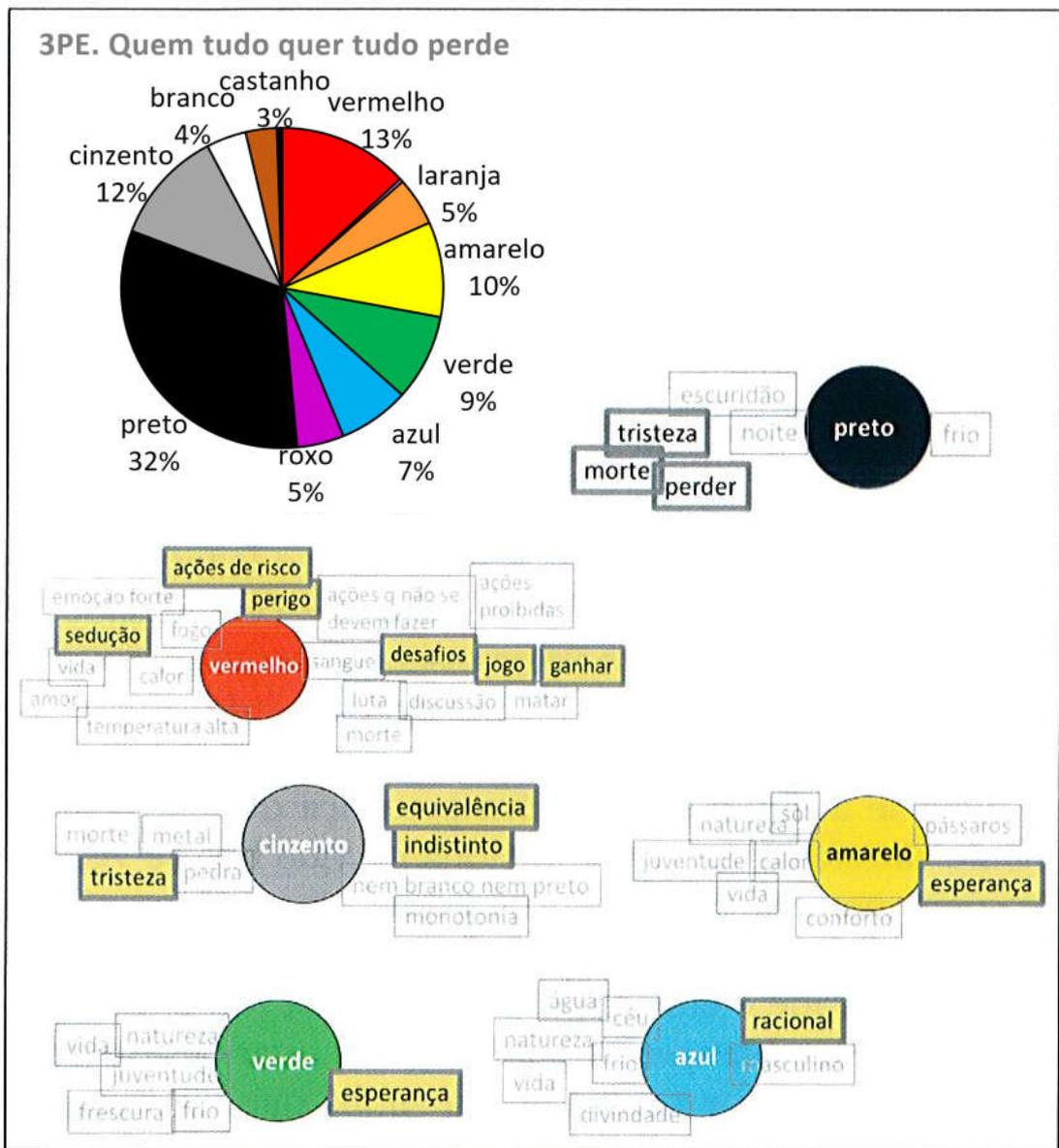


Figura 16: Provérbio 3, Quem tudo quer, tudo perde (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Este provérbio exemplifica bastante bem como a paleta de cores evocada o é por razões não de referencialidade cromática, mas de sinestesia. O que se quer dizer é que os valores das cores evocadas resultam de associações não imediatas com qualquer palavra específica.

O preto é nitidamente a cor predominante que juntamente com a sua complementar, cinza, vale quase 50%. São nitidamente os valores [perder] e [tristeza] (extensíveis até [morte]) do preto que o cinzento retoma (em [tristeza])

e complementa com [equivalência]/ [indistinção], já que é precisamente uma equivalência a semântica global do provérbio: querer tudo equivale a perder tudo.

Não é de estranhar que o vermelho seja a segunda cor mais evocada, embora apenas ligeiramente superior ao cinza. O provérbio liga-se a [ações de risco], [perigo], a [sedução] por [desafios], pelo [jogo] e por [ganhar], tudo valores que o vermelho convoca.

As cores secundariamente mais importantes surgem em virtude de os valores secundariamente acionados pelo provérbio estarem ligados à [esperança] (amarelo e verde) e à racionalidade [azul] da constatação da equivalência que propõe.

3.2.4. Amor com amor se paga

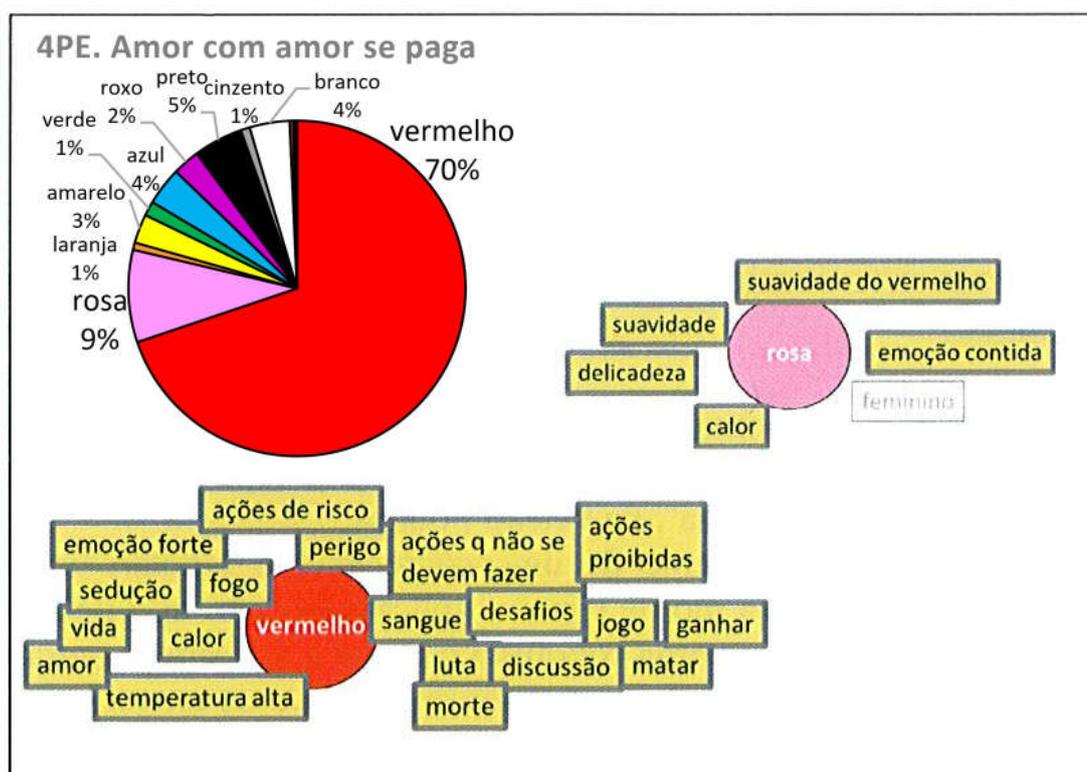


Figura 17: Provérbio 4, Amor com amor se paga (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Este é, com certeza, o provérbio que mais esmagadoramente prova a não aleatoriedade da associação cor-sig-

nificado em palavras tradicionalmente ditas “abstratas”⁹: o amor é nitidamente vermelho!

Aqui, neste provérbio, praticamente todos os valores associados ao vermelho são acionados: por um lado, amor evoca todos os ligados aos sentimentos, à emoção e conseqüentemente à temperatura (metáfora/metonímia TEMPERATURA É/POR EMOÇÃO) e à vida; por outro lado, a semântica do provérbio aponta para a equivalência, para a luta e, portanto, também para a possibilidade de morte. Não é novidade referir as associações entre amor e luta e luta e morte. E o certo é que o provérbio se pode usar também com o sentido AMOR=DESAMOR, ódio, morte:

- 1). Ela não a convidou para o aniversário porque a outra também não a tinha convidado para o dela. É que “amor com amor se paga”.
- 2). Ele deu-lhe um tiro porque já antes o outro o tinha tentado matar. É que “amor com amor se paga”.

Encontramos inúmeros exemplos do uso deste provérbio com este sentido de amor=desamor no campo da luta política:

E isto [um ministro desfazer o que o outro fez] acontece desde que conhecemos a democracia! Uma espécie de “amor com amor se paga”, na versão política.

Trata-se nitidamente de um acontecimento bipolar: ora a direita está “na mó de cima” e aplicam-se certo tipo de medidas, ora a esquerda conquista o poder e aplicam-se outras, destruindo em ambos os casos aquilo que os antecessores deixaram, independentemente de ser bom ou mau”. (Filinto Lima, *Versão política de “amor com amor se paga”*, *Jornal Público* 30 de Janeiro de 2016).¹⁰

9 Relativamente à questão da suposta díade concreto-abstrato nos nomes, ver Teixeira (2010).

10 Disponível *online* em <https://www.publico.pt/2016/01/30/sociedade/opiniao/versao-politica-de-amor-com-amor-se-paga-1721782>, consultado em 24/1/2018.

O sentido de “rejeitar quem nos rejeitou” é igualmente muito comum:

Amor com amor se paga [título do artigo]

Não é assim que diz o ditado popular? A 10 de novembro, numa “solução inédita” das esquerdas (foi o Presidente da República que o disse), PS, Bloco de Esquerda, PCP e Verdes deitaram abaixo o Governo da coligação, votando em conjunto uma moção de rejeição [...] este programa [do novo governo] será igualmente alvo de uma moção de rejeição, mas da nova oposição, a coligação. (Luísa Meireles, Expresso Curto, 2 dezembro 2015).¹¹

É, portanto, este dúplice e antitético uso do provérbio, nas vertentes [amor=emoção de fusão sentimental] e de [amor=emoção de rejeição sentimental] que explica que ele evoque todos os valores que assinalámos ao *cluster* linguístico-cognitivo do vermelho.

A segunda cor mais acionada foi o cor-de-rosa. Nada de admirar, na medida em que esta cor corresponde a um “vermelho suave”. Esta equivalência cognitiva resulta obviamente de as duas cores serem muito próximas no espectro cromático, aspeto que justificou toda a carga cultural que esta cor passou a deter na cultura europeia (pelo menos). Por oposição ao vermelho, como símbolo do [amor agressivo], ao rosa foi atribuído o valor de [amor com suavidade], [delicadeza], [emoção contida]. Não foi por acaso que a cor se tornou o ex-líbris das cores femininas na cultura ocidental.¹²

11 Disponível *online* em <http://expresso.sapo.pt/newsletters/expressomatinal/2015-12-02-Amor-com-amor-se-paga> consultado em 24/1/2018.

12 Pode parecer pouco compreensível, dizendo isto que se disse sobre a associação do cor-de-rosa ao feminino, ser precisamente o valor [feminino] o único do esquema sobre o cor-de-rosa a não ser indicado como acionado por esta cor no provérbio. Note-se, no entanto, que os valores indicados acionados pelas cores para cada provérbio são apenas os valores (que supomos) nucleares nessas associações e não a totalidade dos valores, impossível de indicar com o atual conhecimento que temos sobre o modo como funcionam as associações linguístico-cognitivas.

3.2.5. O fruto proibido é o mais apetecido

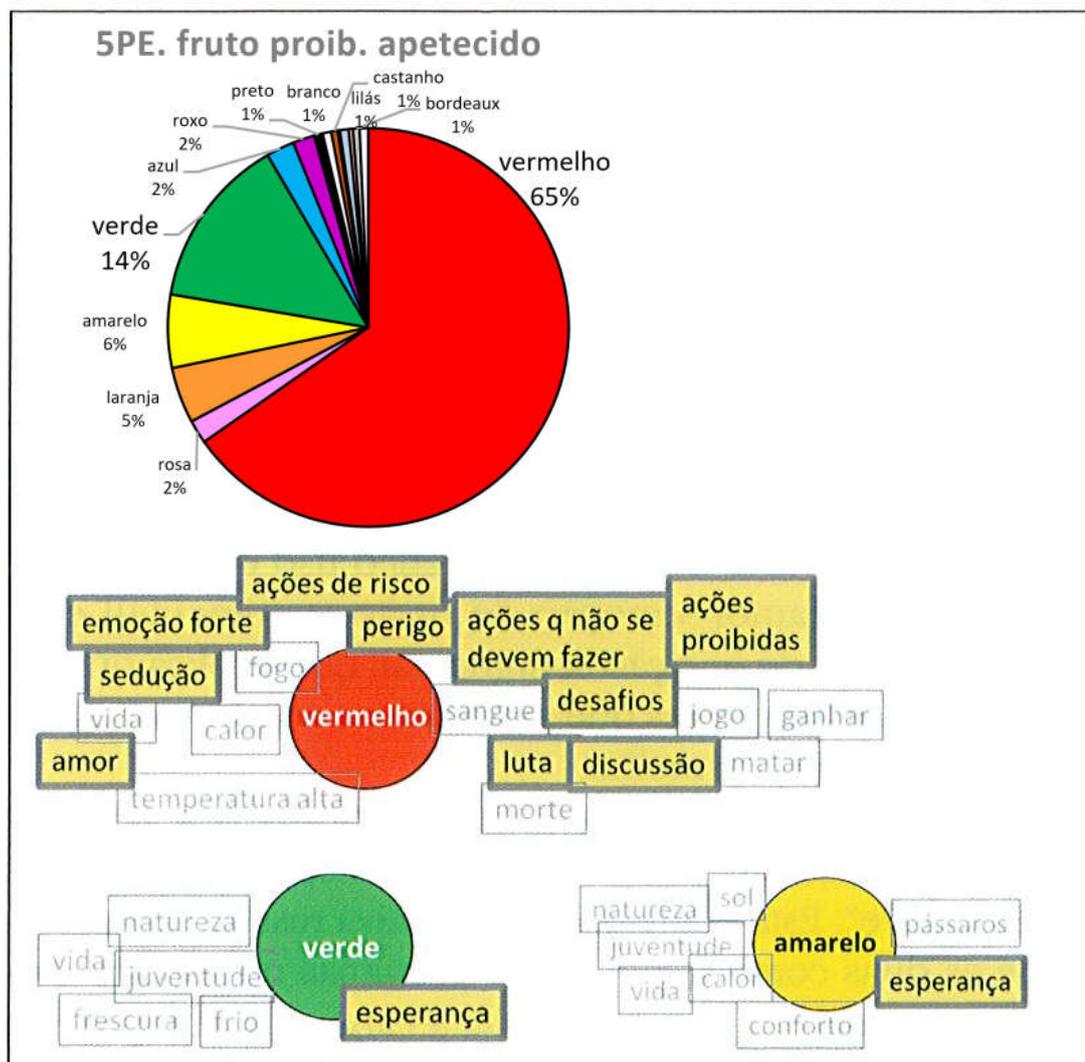


Figura 18: Provérbio 5, O fruto proibido é o mais apetecido (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

O peso esmagador do vermelho é sobretudo acionado pelos valores de [proibição] e [sedução], centrais no provérbio. Além disso, a proibição refere o comer, que em português é, senão a principal, uma das principais metáforas para a atividade sexual.

Repare-se que, aqui, o cor-de-rosa já não é muito importante, quase não aparece (apenas 2%): é que os valores não são primeiramente os de “amor suave”, mas sim amor-sexo-proibido-perigo, tudo valores prototipicamente vermelhos.

Sendo as cores secundariamente selecionadas o verde, o amarelo e o laranja, talvez seja interessante referir que parece que as cores que mais estimulam o apetite são o vermelho o amarelo e o laranja¹³. Além disso, o amarelo reforça o significativo peso do verde, dentro das escolhas secundárias, na relação com o valor [esperança] que indiretamente o provérbio toca.

3.2.6. Só a morte é que não tem remédio

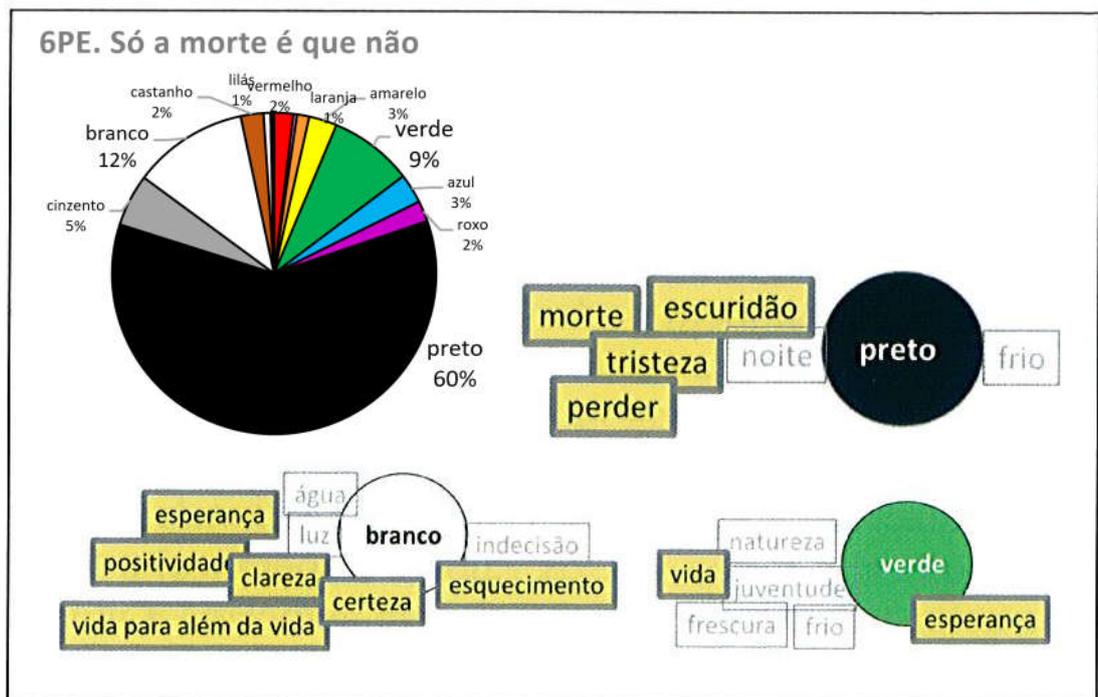


Figura 19: Provérbio 6, Só a morte é que não tem remédio (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Não será muito de admirar o domínio absoluto do preto num provérbio em que a palavra *morte* é nuclear. [Morte], [escuridão], [tristeza], [perder] são *frames* de “ausência de luz”, portanto evocativos do preto. O que poderá causar já algum questionamento é o porquê da segunda cor mais

13 “Saiba as cores que lhe dão mais fome: Vermelho, amarelo e laranja estimulam o apetite”. Ver <http://www.tvi24.iol.pt/sociedade/videos/saiba-as-cores-que-lhe-dao-mais-fome> (consultado em 24/01/2018).

sugerida ter sido o branco. Parece um paradoxo ou contradição inexplicável, mas cognitivamente não é. O branco, em certas culturas, sobretudo orientais, é a cor associada à morte. Há uma espécie de *instinto de sobrevivência cognitiva* dos seres humanos que os leva a metaforizar a morte como uma passagem, para uma *vida*, uma *luz* diferente. As religiões, quase todas, constroem-se sobre estas metaforizações. Por isso, a morte pode aparecer, neste *cluster* cognitivo, ligada a [(nova) luz], [clareza], [vida para além desta vida]. Além disso, a faceta negativa de morte= [esquecimento] pode, para além do preto, ser associada ao branco, a cor da ausência e do esquecimento. E é interessante verificar como nesta díade branco-preto relativamente à morte, o cinzento (a cor da síntese das duas) é precisamente uma das cores mais escolhidas (a 4ª escolha, com 5%).

Admiração também poderá resultar da constatação de o verde ser a terceira cor (com 8%) indicada. Mas repare-se que embora a palavra *morte* seja o tema do enunciado proverbial, o verdadeiro valor resultante do provérbio é (pode dizer-se) a *esperança*, o *viver acreditando sempre*. Isso explica, a nosso ver, os valores [esperança] e [vida] que acionam esta cor cognitivamente associada à vida, à natureza e à esperança. Além disso, como a nossa mente é intrinsecamente associativa por contrastes, o preto *lembra* o branco, a morte *lembra* a vida e, portanto, também o verde.

3.2.7. Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar

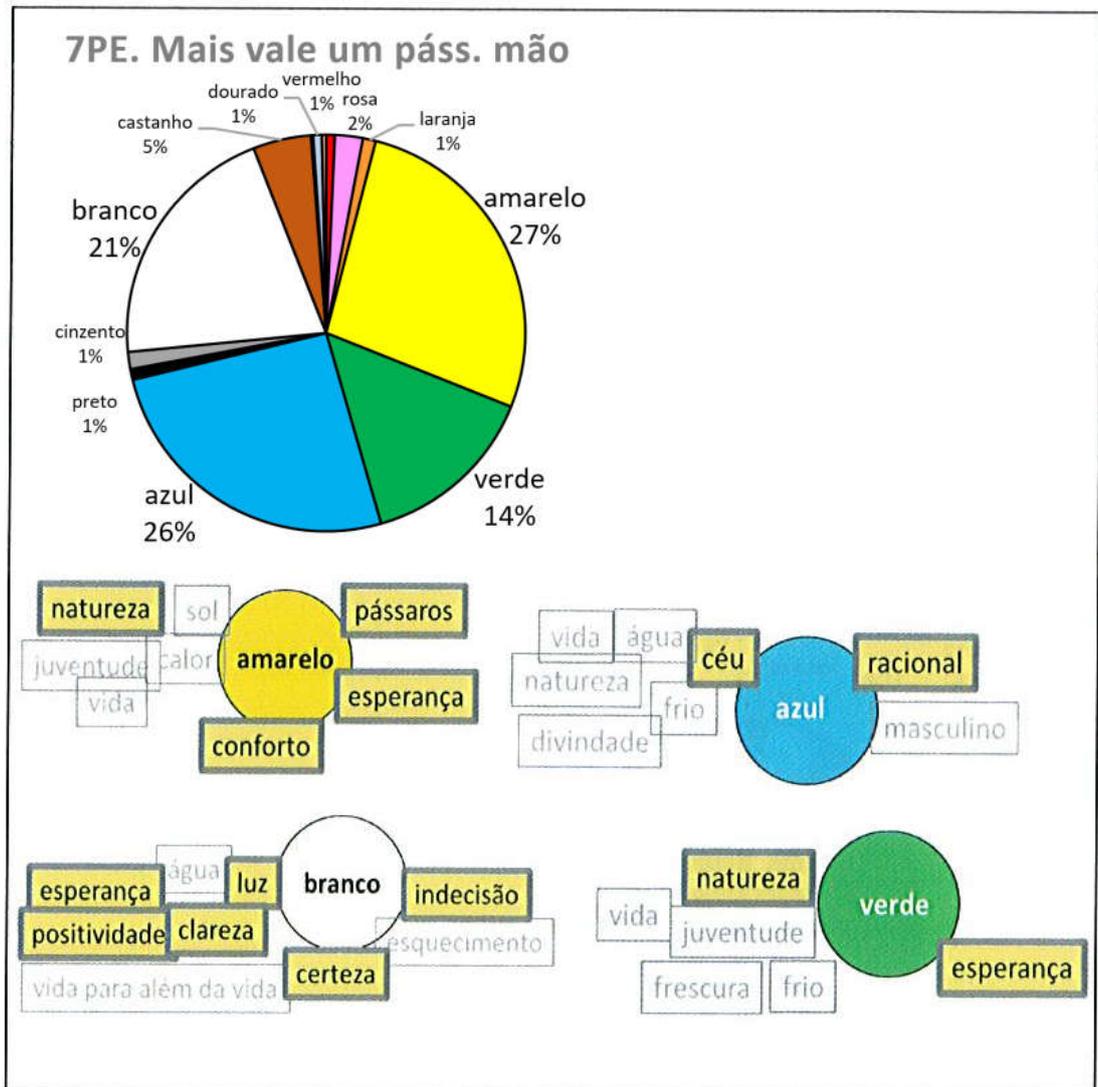


Figura 20: Provérbio 7, Mais vale um pássaro na mão do que dois a voar. (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Os resultados deste provérbio revelam que o leque de cores acionado o foi essencialmente por dois tipos de associação: 1) evocação relativamente direta das cores através das palavras *pássaro* e *voar*; 2) evocação menos direta (mais sinestésica) de valores associados à semântica do provérbio.

Quanto às associações de tipo 1), a palavra *pássaro* terá sido a grande responsável por o amarelo ter sido a cor mais

referida, na medida em que parece que os falantes associam esta categoria a um elemento prototípico, o periquito. Quanto ao azul e ao branco estarão ligados certamente a céu acionado por *voar*.

A semântica global do provérbio, por outro lado, pode reforçar a evocação das mesmas cores, já que engatilha os valores [racional] (azul), [esperança] (verde, branco e amarelo) e os da cor branca ligados a [indecisão], que o provérbio combate, [certeza], que constata e a [positividade] que aconselha.

3.2.8. Filho de peixe sabe nadar

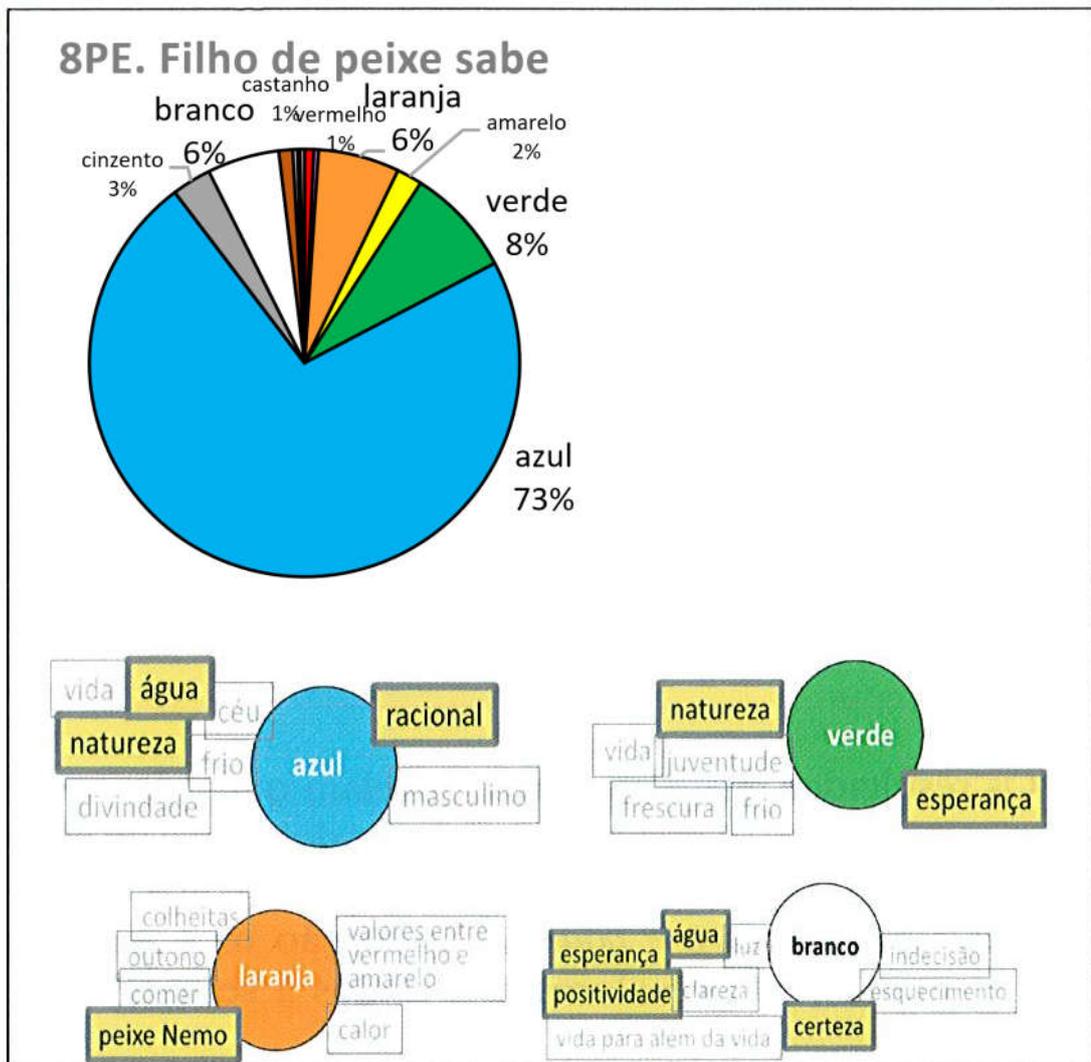


Figura 21: Provérbio 8, Filho de peixe sabe nadar. (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

O esmagador peso do azul é certamente devido à associação peixe-nadar > [água] > azul. O valor [racional] que o enunciado transmite também auxiliará a seleção desta cor.

Entre as cores (muito) secundárias, o verde poderá justificar-se pela associação com [natureza] e o valor de [esperança] com a certeza (ou “expectativa certa”) que o provérbio acarreta. O branco evocando [certeza] está também ligado a água e aos valores de [positividade] e [esperança].

Entre as cores secundariamente selecionadas, destaca-se (talvez com alguma surpresa) o cor de laranja, que se justifica pela associação a peixe por causa de uma figura do cinema (Nemo, o peixe, em cinema de animação) e de todo o *merchandising* relacionado. Alguns inquiridos referiram explicitamente o Nemo, peixe cor de laranja.

3.2.9. Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura

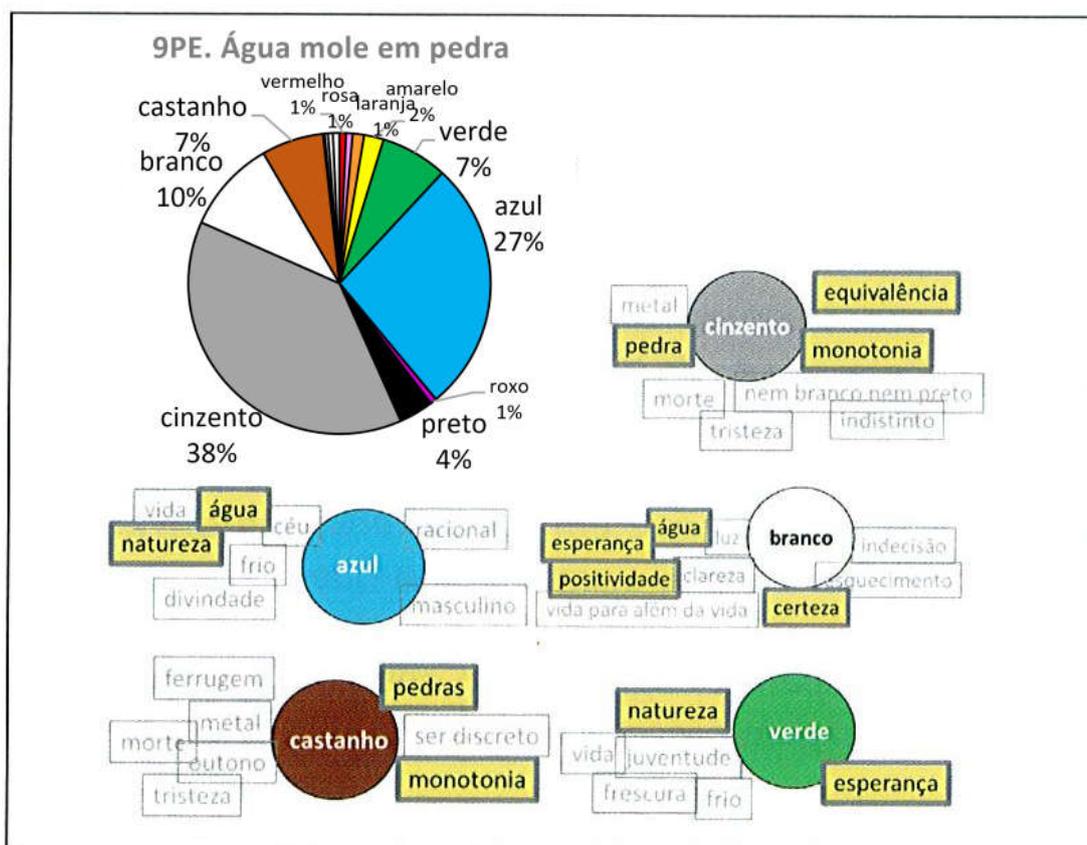


Figura 22: Provérbio 9, Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura. (resultados no PE e redes das cores mais evocadas)

Tal como nos dois anteriores, neste provérbio o acionamento das cores é devido sobretudo a algumas palavras nucleares na sua estrutura, as quais associam a fisicidade dos seus referentes a cores, concretamente água e *pedra*. Repare-se que, sendo o elemento água o ambiente em que ocorrem os estados de coisas descritos nos dois últimos provérbios, em 8. *Filho de peixe sabe nadar*, o azul+branco dominavam completamente (73+6=79%), enquanto aqui os seus valores decaem significativamente (27+10=37%). É que neste provérbio, a palavra *pedra* é elemento central, o que justifica o acionamento do cinzento como a cor mais destacada (38%), bem assim como o maior peso do que é habitual para o castanho. Para além destes motivos diretamente ligados à referencialidade e que justificam a paleta de cores do provérbio, haverá associações sinestésicas que as reforçam. O valor de repetição, [monotonia] (base nuclear do provérbio) aciona o cinzento e castanho, enquanto [esperança], [certeza] e [positividade] reforçam o branco. Como habitualmente, o verde apresenta-se sempre com algum significado dentro das cores secundariamente destacadas, sobretudo quando há referências à vida e à natureza.

4. ALGUMAS CONCLUSÕES

O processamento da informação linguística é, com certeza, cognitivamente complexo. Dentro dessa complexidade, a explicação sobre a componente semântica (numas teorias linguísticas mais do que em outras) costuma privilegiar a referencialidade direta, considerando que o significado de um enunciado coincide essencialmente com a referenciação.

Numa perspetiva cognitiva, no entanto, a *função interna*¹⁴ da linguagem precede o ato comunicativo entre locu-

14 Este conceito de Herculano de Carvalho (Carvalho 1983) é anterior às modernas posições da Linguística Cognitiva. No entanto ele foi pioneiro em constatar que o significado linguístico compreende (até prioritariamente) o funcionamento de todo o processo cognitivo mentalmente interior do falante.

tor-alocutário e é aí, nessa organização interna, que as ciências cognitivas (*vide* Damásio) procuram a verdadeira estruturação daquilo a que chamamos *clusters* linguístico-cognitivos, *frames*, imagens mentais ou conceitos, termos diferentes, talvez complementares, necessários para tentarmos perceber como funciona a mente no âmbito do significado linguístico.

Nesta estruturação cognitiva, as bases relativas ao processamento de cores têm um papel que nos parece não ser aleatório mas sistemático, mesmo nos casos considerados “ilógicos”, como o das sinestésias. Faz sentido perguntar porque é que o provérbio (ou asserção) X “é” maioritariamente vermelho, preto ou cinzento para os falantes? Há constância nessa coloração? As asserções que não envolvem referencialidade direta a cores implicam com alguma sistematicidade e coerência o acionamento de cores?

Com os 9 provérbios do inquérito, procuramos comprovar a admissibilidade de um sim a estas questões. Verifica-se sistematicidade entre determinados valores culturais e perceptivos e o acionamento semântico-cognitivo das cores. Constata-se que este pode ser causado por palavras nucleares da asserção identificadas com determinadas cores a nível perceptivo ([pedra]> cinzento; [água]> azul/branco), ou a nível cognitivo e cultural ([esperança]> verde, amarelo; [morte]>preto).

O acionamento das cores, para além das palavras presentes na asserção, pode ser também motivado pela semântica global do provérbio, transformada cognitivamente em cores (ver provérbio 4. “Mais vale tarde do que nunca”> esperança> verde/ amarelo/ branco).

Se o significado é corporizado (Lakoff 1995, Lakoff & Johnson 1999) e a linguagem verbal é uma janela para a mente, a sistematicidade dos resultados apresentados parece comprovar que as nossas mentes são profundamente sinestetas, procurando equivalências entre perceções de

âmbito muito diverso (as cores associadas a sentimentos, ideias e emoções). E então, talvez não seja justificável a divisão tradicional entre mentes sinestetas tidas como anormais e patológicas e as outras “normais” serem tidas por não sinestetas (Beeli *et al.* 2007; Yokoyama *et al.* 2014). Todas as mentes são sinestetas, no sentido que associam áreas muito diversas da percepção sensorial. A questão é de grau e não de funcionamento. A associação entre a letra A e o vermelho será uma sinestesia em maior grau (menos evidente a motivação) do que a associação entre a morte e o preto/branco. Mas os processos são essencialmente os mesmos e passam pela metonímia e metáfora, ou seja, a associação entre domínios cognitivos, como propõe o paradigma teórico que defendemos, a Linguística Cognitiva.

A sinestesia será, assim, o terceiro lado de um triângulo da cognição em que os outros dois são a metonímia e a metáfora e em que cada lado é indispensável na construção desse triângulo cognitivo¹⁵.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Beeli, G., & Esslen, M., & Lutz, J. (2007). “Frequency Correlates in Grapheme-Color Synaesthesia”, *Association for Psychological Science*, vol. 18, nº 9. 788-792.
- Berlin, B., & Kay, P. (1969). *Basic color terms: their universality and evolution*. California: University of California Press.
- Carvalho, J. Herculano de (1983), *Teoria da Linguagem*, 2 vols. Coimbra: Coimbra Editora.

15 Defenderemos, em trabalhos complementares deste (Teixeira S/D1 e Teixeira S/D2) o conceito de *sintonímia* para tal orgânica que envolve a metonímia, a metáfora e a sinestesia como partes de um processo englobalizador ao nível da cognição-linguagem.

- Damásio, A. (1999). *The Feeling of What Happens: Body and Emotion in the Making of Consciousness*. New York: Harcourt Brace.
- Damásio, A. (2010). *O livro da Consciência - A Construção do Cérebro Consciente*, Lisboa: Círculo de Leitores.
- Johnson, M. (2012). *The Meaning of the Body: Aesthetics of Human Understanding*. Chicago: University of Chicago Press.
- Lakoff, G. (1995). "Embodied Minds and Meanings". Em Baumgartner, P., & Payr, S. (eds.), *Speaking Minds—Interviews with Twenty Eminent Cognitive Scientists*. Princeton: Princeton University Press.
- Lakoff, G., & Johnson, M. (1999). *Philosophy in the Flesh: The Embodied Mind and its Challenge to Western Thought*. New York: Basic Books.
- Saunders, B. (2000). "Revisiting basic color terms", *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 6, 81-99.
- Teixeira, J. (2010). "Categoria nominal e abstracção (ou o porquê das sereias serem mais concretas que o ar)", *Revista Galega de Filoloxía*, 11, 123-149. Disponível em <http://hdl.handle.net/1822/11352>.
- Teixeira, J. (2018). "As cores no processamento do significado: provérbios e sinestesia", *Revista Galega de Filoloxía*, 19: 131-149.
- Teixeira, J. (S/D1). "Cores, significado linguístico e cognição: das imagens mentais e sinestesia à 'sintonímia'" (em fase de publicação).
- Teixeira, J. (S/D2). "Categorização e concetualização: da metáfora/metonímia e sinestesia à 'sintonímia'" (em fase de publicação).
- Ward, J. (2006). "Sound-color Synaesthesia: to what extent does it use cross-modal mechanisms common to us all?", *Cortex*, 42, 264-280.

JOSÉ TEIXEIRA

Yokoyama, T., & Noguchi, Y., & Koga, H., & Tachibana, R., & Saiki, J., & Kakigi, R., & Kita, S. (2014). "Multiple neural mechanisms for coloring words in synesthesia", *NeuroImage*, 94, 360-371.